EU NÃO TINHA COISAS SUFICIENTES no meu quarto para justificar uma longa indecisão sobre o que levar. Quase tudo que eu possuía era roupa ou bugigangas de valor sentimental. Aos poucos, fui retirando todos os vestígios de vida daquele quarto monótono e sem graça que chamei de lar por tantos anos. Depois de enfiar tudo em caixas de papelão, quase não sobrou nada.

Me sentei na beirada do que seria "minha" cama por uma última noite. Minha mente se encheu das memórias mais triviais: a vez em que corri da casa da Shimamura e gritei no travesseiro; a vez em que me ajoelhei na cama, de frente para o celular, tentando criar coragem para ligar para ela; as noites em que me revirava, empolgada demais com o amanhã para conseguir dormir.

Pensando bem, talvez essas memórias não fossem tão triviais assim. Cada uma estava ligada à Shimamura, quase como se eu nem tivesse tido uma vida antes de conhecê-la. Para falar a verdade, eu era uma pessoa tão diferente naquela época que parecia ter renascido como alguém totalmente nova. Nesse caso, eu ainda era, tecnicamente, um bebê — e, portanto, precisaria da Shimamura cuidando de mim por um bom tempo.

…Tecnicamente.

Tendo perdido qualquer traço de vivência que já tinha tido, o quarto agora era um vazio branco e infinito. Me joguei de costas na cama e respirei o ar vazio. Ontem mesmo, esse quarto ainda era habitado, mas agora de repente parecia empoeirado e intocado por mãos humanas. Ao que tudo indicava, meu coração já estava morando no nosso novo apartamento.

Era quase uma primavera completa — uns 70% — lá na nossa cidade: amanhã, eu deixaria essa casa para sempre e me mudaria com a Shimamura. Nós duas já éramos adultas agora — fisicamente, pelo menos. Nada mais de uniforme escolar, nossos cabelos estavam um pouco mais compridos, o estudo deu lugar ao trabalho, e já podíamos beber legalmente.

Por outro lado, no caso da Shimamura, esse último item geralmente era uma péssima ideia; o corpo dela não conseguia processar álcool direito ou algo assim. Ela experimentou pela primeira vez na festa de vinte anos e, bem… foi um desastre. Resumindo, ela virou uma *Shima-leoa*. "Acho que puxei à minha mãe", ela me disse no dia seguinte, balançando a cabeça em sinal de frustração.

Brincadeiras etílicas à parte, eu tendia a concordar com essa avaliação. Havia algo semelhante no jeito que as duas descreviam as coisas, ou talvez fosse a energia delas em geral. Era um calor que atraía as pessoas.

Da mesma forma, eu tinha quase certeza de que puxei minha própria mãe em vários aspectos. Só não tinha certeza se isso era algo digno de orgulho. Às vezes, sentia que havia algo mais — algo que poderíamos ter feito diferente. Mas nenhuma quantidade de reflexão mudaria as coisas agora. Nossa relação tinha se solidificado ao longo dos anos, e já não havia tempo para recomeços.

Aí está uma desculpa conveniente: *falta de tempo*. Para ser franca, considerando o que seria necessário para alcançar o "relacionamento ideal" entre mãe e filha, ambas consideramos que daria trabalho demais.

"…Agora pareço a Shimamura."

Eu não deveria estar feliz com isso.

E, no entanto…

Olhei o relógio e saí do quarto. Meus passos não pareciam diferentes dos que eu dava no ensino médio. Quando mencionei isso à Shimamura, ela disse: “Sortuda você.” Mas eu não entendi o que havia de tão sortudo nisso.

Eu conseguia ouvir sons vindo do andar de baixo, então espreitei a sala de estar e vi minha mãe sentada no sofá, encarando o nada. Nossos olhares se cruzaram, e ela me examinou de cima a baixo. “Você vai jantar aqui hoje?” ela perguntou.

“Não, vou comer na rua.”

“Tá bom.”

Com isso, ela voltou a olhar para frente; eu, por minha vez, fui em direção à porta de entrada.

Será que todas as famílias são assim?

Será que a casa da Shimamura ainda estaria cheia de alegria nessa última noite dela lá? Ou será que, por uma vez, todos ficariam mais sérios? Como a irmãzinha dela reagiria à partida iminente? Já que ela e eu éramos um pouco parecidas, havia grandes chances de ela começar a chorar ou implorar para a irmã não ir embora. A Shimamura conseguiria simplesmente ignorar?

Mais uma vez, meus pensamentos estavam voltados não para a minha própria família, mas para a da Shimamura. Família nunca significou muito para mim, e se eu tivesse que adivinhar, também não significava muito para minha mãe. Provavelmente, nunca diríamos uma à outra o que realmente sentíamos.

Como será que os pais se sentem quando os filhos deixam o ninho? Eu provavelmente nunca teria filhos, então não fazia ideia. Em vez disso, como acontecia com quase tudo, preferi deixar a pergunta sem resposta.

***

Depois que fugi da casa da minha mãe, vi que as luzes estavam acesas no meu destino e soltei um suspiro de alívio. Eu não tinha verificado antes, então, se o lugar tivesse fechado, talvez eu acabasse vagando sem rumo pelas ruas.

Pintado em vermelho e amarelo vibrantes, o prédio se destacava dos outros ao redor — exatamente como eu lembrava. Honestamente, para atrair atenção, um lugar como aquele precisava de toda a ajuda possível. Passei entre os carros estacionados e espiei dentro do restaurante. Há quanto tempo eu não entrava pela porta da frente?

“Bem-vinda, bem-vinda—oh?” A gerente se animou ao me reconhecer. “Então, hoje você é cliente, é?”

Ela veio até mim com os braços cruzados. Já fazia um bom tempo que não nos víamos, mas não dava para perceber pelo jeito como ela agia. O japonês dela também não tinha melhorado nada.

“Boa noite.”

“Oi! Bem-vinda.”

“E, caso tenha esquecido, eu não trabalho mais aqui. Pedi demissão faz um tempo.”

No dia em que me formei no ensino médio, na verdade. Desde então, eu nunca mais tinha voltado, e agora que estava me mudando da região, provavelmente nunca mais veria esse lugar. Não gostava tanto assim da comida a ponto de vir até aqui de propósito.

“Enfim, só queria passar aqui rapidinho para me despedir, porque estou me mudando amanhã.”

“Entendo, entendo,” ela assentiu. Então, após uma pausa: “Espera… mudando? Sayonara bye-bye?”

“Ah… é, mais ou menos isso.”

“Ah, vou sentir sua falta.”

“…Vai mesmo?”

“Pensando bem, não muito. Ha ha ha!”

Foi o que eu imaginei. Sinceramente, considerando quantos anos se passaram, fiquei até aliviada em ver que o restaurante ainda estava funcionando, e que a gerente continuava com o mesmo espírito de sempre.

“O que vai querer? Temos tudo no cardápio.” *Boa piada.* “Levo você até sua mesa.”

Ela me conduziu até a mesa mais próxima da porta, o que me fez lembrar dos meus dias como atendente ali. Diziam que eu ficava ótima de *cheongsam* — não que eu me importasse com a opinião dos outros, com uma exceção notável.

“Fumante ou não fumante?”

“Essa pergunta deve ser feita antes de eu sentar, sabia?” *E, aliás, nem existe área para fumantes.*

“Como sempre, você é sem graça.”

“Obrigada pelo elogio.”

Pedi o prato do dia, e a gerente sumiu nos fundos. No lugar dela, apareceu uma funcionária de meio período — mas ela estava usando o uniforme comum, nada de *cheongsam*, nem um pedacinho de pele à mostra. Apoiei o queixo nas mãos e me perguntei se os regulamentos andavam mais rígidos quanto a esse tipo de coisa. Pessoalmente, eu gostava daquele vestido.

Mas só porque a Shimamura gostava.

No fim das contas, a Shimamura era tudo para mim. Quer dizer, não literalmente tudo, mas… é. Considerando o quanto da minha vida girava em torno dela, não era exatamente um exagero. A Shimamura era um estilo de vida para mim.

Devia ter chegado antes do movimento do jantar, porque eu era a única cliente no restaurante. A funcionária de meio período ficou ali parada, do mesmo jeito que eu ficava sempre que não tinha mais nada para fazer. Lembrei de como achava engraçado o fato de receber o mesmo salário independentemente da minha produtividade.

Fechei os olhos e inspirei o cheiro cheio de lembranças do restaurante. Era minha última noite naquela casa, e mesmo assim, estava passando ela em outro

lugar. Não que eu estivesse evitando o lar — só estava em busca de algo que sabia que não encontraria na casa onde cresci. Farejando algum vestígio de afeto, algo raro de brotar no meu peito.

Aparentemente, eu estava num clima sentimental. Não sabia explicar, mas parte de mim esperava encontrar algo que me tocasse o coração. Talvez fosse assim que a gente se sentia ao ter um ataque de nervos antes do casamento… não que eu já tivesse me casado. Mas eu estava prestes a construir um novo lar com minha parceira, então talvez fosse algo parecido. *Tomara que a gente não termine*, pensei, já me adiantando.

Logo meu pedido chegou à mesa — trazido não pela funcionária de meio período, mas pela própria gerente. Arroz frito, uma tigelinha de lámen, uma sobremesa modesta em forma de gelatina de grama colorida e, por fim, uma verdadeira montanha de *karaage* de frango que ameaçava transbordar do prato. Cada pedaço era tosco e irregular, como um ilhote rochoso. Aquilo com certeza trazia lembranças… mas, a essa altura, eu nem sabia se conseguiria comer tudo.

“O prato do dia sempre foi assim… robusto?”

“Às vezes!” A gerente riu e voltou para o seu posto habitual. “Melhor usar *cheongsam* enquanto ainda dá tempo! Ha ha ha!”

Fiz o melhor que pude para sorrir — mesmo sabendo que era um sorriso meio forçado — e acenei com a cabeça diante desse último… aviso? *Enquanto ainda dá tempo, hein?* Pessoalmente, eu não via motivo para aquele vestido ter “prazo de validade”, mas suspeitava que talvez não fosse isso que ela queria dizer.

Ou, pelo menos, foi nisso que escolhi acreditar.

***

Tendo comido demais, voltei para casa esfregando minha barriga, que agora doía. Como sempre, aquele restaurante tinha servido uma quantidade bem maior do que o razoável pelo preço, e havia um limite para o quanto a nostalgia conseguia me fazer engolir. No fim, eu já nem conseguia sentir o gosto do frango.

Com o estômago cheio, minhas pernas pareciam de chumbo. Abaixei a cabeça, e o cabelo caiu sobre meu rosto; afastei as mechas com a mão e olhei para o céu estrelado lá no alto. A única coisa que não tinha mudado era o aroma da noite. Eu nunca mais veria aquelas pessoas, nem passaria por aquela estrada de novo, mas não olhei para trás.

Quando caminhava por essa mesma rua na época do colégio, nunca teria imaginado que meu futuro acabaria assim. E, sabendo o que finalmente estava ao meu alcance, jamais sentiria vontade de voltar no tempo.

“Oh, é a Ada-cheechee!”

“Chee-chee!”

Ouvi algo que parecia ser meu nome, então me virei para conferir. E claro, eram a Hino e a Nagafuji. Já tinham se passado tantos anos que eu nem

lembrava direito quando foi a última vez que as vi. À primeira vista, elas não tinham mudado nada. Hino carregava uma vara de pesca no ombro, e Nagafuji balançava o dedo indicador para mim, sabe-se lá por quê.

Então, inexplicavelmente, o trio começou a me rodear — espera, *trio?* Era aquela garota esquisita de cabelo azul, soltando gritinhos de alegria ao se juntar. Eu não sabia o que fazer, então só fiquei parada no lugar. Depois de umas cinco voltas ao meu redor, Hino e Nagafuji se afastaram, sorrindo.

“Só queríamos dar um oi. Até mais, Chee-chee. Manda um beijo pra Shimamura.”

“Até mais, Chee-chee!”

“Até nos encontrarmos de novo!”

“Ah… tá bom,” respondi, mas elas já tinham ido embora. Nem sei se chegaram a me ouvir.

Agora que eu pensava nisso, havia uma possibilidade — uma possibilidade considerável — de que aquela fosse a última vez que nos veríamos. E ainda assim, elas agiram com tanta naturalidade. Por outro lado, minha amizade com as duas nunca foi muito além disso — uma amizade simples. Eu era uma rainha do gelo; nunca me interessava seriamente pelas outras pessoas, então fazia sentido que elas sentissem o mesmo por mim. Mas, se essa era a “eu” de verdade… quem era essa versão obcecada pela Shimamura? De vez em quando, eu me fazia essa pergunta.

Enfim.

“Boa noite!”

A garota de cabelo azul ainda estava parada ao meu lado. Eu não conseguia lembrar o nome dela. E ela estava usando uma roupa esquisita — um pijama de ornitorrinco, com o bico do animal saindo em destaque do capuz, chamando toda a minha atenção.

“Ah… oi…”

“Ho ho ho!”

“Então, hum… você não vai com elas?” Apontei para as figuras da Hino e da Nagafuji, que se afastavam à distância.

“Por que eu iria?” perguntou a criatura misteriosa, inclinando a cabeça. “Só quis participar da brincadeira.”

“Ah.”

Ela se recusava a sair do meu lado. Eu a encarei por um momento e dei um passo à frente. Sem fazer barulho, ela me acompanhou. Depois, dei três passos largos; ela veio pulando atrás de mim. Quando parei, ela também parou. Era quase como se estivéssemos brincando de estátua.

Devíamos estar parecendo ridículas para quem passava na rua, as duas congeladas no meio do caminho. Eu a encarei, confusa, e ela respondeu com uma risadinha inocente. *Meu Deus, eu simplesmente não sei lidar com você.*

Eu não sabia como interagir com crianças. Sabia que tinha uma tendência a ser hostil com as pessoas, mas, com crianças, não conseguia ser eu mesma sem me sentir um pouco culpada. Seria algum tipo de instinto?

“O que foi?” ela perguntou.

Me diz você! Por que está me seguindo? “É só que… eu não sei o que você tá pensando.”

“Ha ha haaa! Claro que não. Não dá pra saber o que ninguém está pensando,” ela respondeu, como se não fosse nada.

Para mim, aquilo foi quase uma espécie de epifania.

“Uau… Talvez você tenha razão.” *Eu não sabia que esse ornitorrinco filosófico era tão visionário.* Então olhei para o bico comprido dele. Pensando melhor… talvez não.

Raramente eu via essa garota sozinha. Normalmente, ela ficava colada na Shimamura — *minha* Shimamura. Franzi a testa para ela; ela respondeu com um sorriso radiante. “Gosto de você também, é claro.”

“Uhhh… obrigada?”

Esse era um tipo de coisa que eu não estava acostumada a ouvir, tirando da boca da Shimamura. Na verdade, essa provavelmente foi a primeira vez na vida que alguém além dela disse isso para mim. Se meus pais sentiam algum afeto por mim, nunca disseram na minha cara.

Claro que eu sabia, por experiência própria, o quanto era difícil falar sobre sentimentos — e ainda assim essa criança fazia parecer tão fácil. Ela era um mistério em todos os sentidos possíveis. Como é que ela tinha cabelo azul? Ou unhas azuis? A Shimamura não parecia se incomodar, então eu não sabia nem por onde começar a perguntar.

“É bom gostar de todo mundo, né?”

“Hã? É, acho que sim,” respondi sem pensar.

Espera aí.

Imaginei como seria se a Shimamura gostasse de todo mundo — se ela sorrisse para todos nós exatamente do mesmo jeito. Um tratamento perfeitamente igual, sem nada a mais ou de especial para mim. Para ser sincera, eu odiava essa ideia. Então, a minha opinião verdadeira era…

“Na real, não.”

“Hmm, entendi.” Ela não concordou nem discordou.

Juntas, caminhamos lado a lado. Comecei a me perguntar para onde ela estava indo, então perguntei, mas ela disse que não se importava muito. Eu pude perceber que ela realmente falava sério pelo jeito que deu de ombros e simplesmente olhou para frente.

“Se eu continuar andando, eventualmente chegarei a algum lugar.” Do jeito que disse, parecia ter uma sabedoria além da sua idade.

“É tão simples assim, é?”

“De fato, era.”

Era? Por que no passado?

“Isso me lembra — faz tempo que não nos vemos, Adachi-san.”

“Uhhh… é…?”

“A última vez que te vi foi… no ano 7199 ou por aí.”

“Q-quê?”

Mas ela não ligou para a minha expressão de confusão. “Ho ho ho! Fico feliz em ver que você está com boa saúde.”

O sorriso dela era tímido, quase sem emoção.

***

Quando cheguei em casa, a voz da minha mãe soava num volume incomumente alto — ou será que ela sempre foi assim e eu nunca tinha percebido? Ela estava falando com alguém. Sem saber se deveria interromper, entrei. Então ela me percebeu e olhou para mim. Seus lábios se curvaram ligeiramente.

“Bem-vinda.”

“Obrigada.”

Foi uma troca fria, mas talvez fosse a última que teríamos naquele lugar. Continuei andando.

“Ah, minha filha acabou de chegar, só isso... O quê? Por quê?” Depois de um momento, minha mãe estendeu o telefone na minha direção. Instintivamente, parei no meio do caminho.

“O quê?”

“Ela quer falar com você.”

“Quem?”

Minha mãe suspirou alto, como se dissesse: *Pegue logo o telefone e descubra.* Caminhei até ela, peguei o aparelho e levei até o ouvido. Uma coisa era certa: não conseguia pensar em nenhum parente que ligaria para nossa casa.

“Alô?”

“Oi, Adachi-chan!”

“Ah, Sra. Shimamura…”

Quando ouvi a voz dela, reconheci imediatamente que era a mãe da Shimamura. Afinal, a energia na voz dela era algo bem único. Em algum momento, nossas mães tinham desenvolvido uma amizade própria; a Shimamura parecia saber algo sobre isso, mas agora que eu pensava melhor, ela ainda não tinha me contado os detalhes. Sempre que estávamos juntas, minha mente se perdia em outras tantas coisas, e eu nunca lembrava de perguntar.

Deixando tudo isso de lado, por que essa mulher queria falar comigo, de todas as pessoas? Seria sobre a filha dela?

“Sou eu, a Mamãe A da Shimamura!”

“Ah, o quê? Tá bom.” *Será que existe uma Mamãe B da Shimamura…?*

“Hmm, hmm. Entendi, entendi.” *Entendeu o quê?* “Vocês duas falam com a mesma voz fria e rude.”

Não precisava ser um gênio para adivinhar com quem ela estava me comparando. Joguei um olhar para a minha, digamos, gêmea vocal. Ela estava perto, com as mãos na cintura, parecendo desconfortável.

“Como vai, amigona?” ela perguntou.

“Hum… indo muito bem… ah, amigona…”

Lembrei de quando a Shimamura me perguntou essa mesma coisa pela primeira vez. Até hoje ela me faz fazer a pose e tudo. *Aff.*

“Tenho que dizer, vocês duas têm um gosto estranho.”

“…O quê?”

“A Hougetsu não é nada boa em ser adulta, então você precisa estar preparada pra cobrir as falhas dela. Nunca chega na hora, faz as tarefas pela metade, é absolutamente patética na cozinha…”

A mãe da Shimamura listava tudo como se estivesse contando nos dedos. Mas, do meu ponto de vista, a Shimamura parecia estar no controle total o tempo todo. Claramente, estávamos vendo ela de ângulos diferentes. Talvez a Sra. Shimamura só veja a floresta da filha por entre as árvores, enquanto eu tenho uma visão clara do quadro completo.

“Você é uma chef nível mestre, Adachi-chan?”

“Não sou mestre nenhuma.”

“Uma mestra, então?”

“Eu não sou de cozinhar, não.” Eu não ligava para comida, então não tinha motivação para aprender. “Ah, mas já fiz okonomiyaki pra Shimamura uma vez.”

“Ah, sim. Aquilo.”

“Hã?!”

“Não faço ideia do que você tá falando.”

“Ah... o-ok...” *Aff, eu também não aguento você!* Não que eu a detestasse, mas havia uma forte sensação de desconforto no ar, e suspeitava que minha mãe sentisse o mesmo. “Bem, hum, mesmo que a Shimamura seja péssima em ser adulta” — uma premissa totalmente hipotética da minha parte, porque me recusava a insultá-la — “vou fazer o meu melhor para apoiá-la.”

E em troca, a Shimamura me ajudaria com as coisas com as quais eu tinha dificuldade.

Provavelmente.

Tomara.

“Entendi! Muito legal.”

“Ob-obrigada...”

“Se ela alguma vez dormir demais e perder o alarme, é só dar um chute bem forte na bunda dela, tá?”

“Hã...? E-e se ela estiver dormindo de costas?” Ok, assumo que essa foi uma pergunta idiota da minha parte.

“Então, vira ela primeiro, e depois dá o chute!”

Por que essa mulher estava tão decidida a chutar a própria filha? Para ser sincera, eu não tinha a menor confiança de que conseguiria fazer isso. Nem conseguia imaginar. Eu não tinha nenhuma arma contra a Shimamura. Parecia uma maldição inquebrável, ou um contrato inalienável — um pouco intenso demais para transformar em algo positivo.

“Enfim, entendeu a ideia?” ela perguntou.

“Ehhh...” Q*ue ideia?*

“Mmm, bem, para resumir, se divirta com minha filha atrapalhada e desengonçada.” Será que era só impressão minha, ou ela estava começando a falar um pouco mais rápido por vergonha?

“Ah, hum, sim, com certeza. Igualmente,” respondi. Igualmente o quê? Espero que ela se divirta com MINHA filha? Isso não pode estar certo.

“Apenas se divirta e continue arrasando.”

“Pode deixar.”

“Guarde isso no coração.”

“Ah, tá...?”

“Bom.”

Ela soava satisfeita... o que significava que a conversa aparentemente tinha acabado. Embora eu meio que entendesse por que ela ligou, nada do que a Sra. Shimamura disse fazia muito sentido. Será que a Shimamura realmente conseguia entender essa mulher? Claro, eram mãe e filha, mas, para ser sincera, não parecia que tinham muito em comum.

Com um grunhido, minha mãe estendeu a mão, exigindo silenciosamente o telefone de volta. Quando eu cedi, ela voltou para o sofá.

“...Espera, ela ainda tá na linha?” Ela colocou o telefone no ouvido, curiosa, e logo fez uma careta. “Ah, cala a boca. Não tenho mais nada para dizer a você— Com licença?”

Percebi que aquela ligação não ia acabar tão cedo, então voltei em silêncio para o meu quarto. Quanto à alienígena, de repente ela saiu correndo para algum lugar, seu cabelo azul cintilante iluminando o céu noturno enquanto voava atrás dela. Foi tão surreal que pensei que talvez estivesse sonhando. Mas o peso no meu estômago me dizia que não, aquilo era realidade.

No andar de cima, no meu quarto, antes de acender a luz, parei e verifiquei meu celular. Eu tinha mandado uma mensagem para a Shimamura perguntando se podia ligar para ela, mas ela ainda não tinha respondido, o que significava que provavelmente estava dormindo. No passado, a falta de resposta teria me deixado louca de ansiedade; e, honestamente, até hoje isso ainda me deixa meio nervosa. Mas ao longo dos anos, aprendi a confiar mais nela.

A Shimamura nunca me ignorava; ela sempre respondia minhas mensagens eventualmente. Lá no fundo, ela era uma pessoa bondosa, e nos últimos anos, havia parado de esconder isso por vergonha. Será que era arrogância pensar que, talvez, eu tivesse inspirado essa mudança nela...?

Acendi uma luminária fraca, depois subi na cama e encostei na parede, esticando as pernas à minha frente. Só restava descansar e esperar pela Shimamura. O dia tinha sido normal, mas o amanhã era uma nova fronteira. Era a prova do quanto eu havia evoluído. Nenhum dos meus esforços tinha sido em vão. Mas, agora que meu objetivo estava bem diante de mim, curiosamente, quase não parecia real — parecia mais um sonho que eu podia alcançar, mas não segurar de verdade.

Um tempo depois, meu celular vibrou. Só podia ser uma pessoa. A mensagem dizia: “*Desculpa! Eu tava dormindo!*”

“Claro,” murmurei, sentindo um sorriso surgir nos meus lábios. Depois de um instante, atendi a ligação dela. “Alô?”

“Oi, Chee-chee!”

“...Isso é alguma nova moda ou coisa assim?”

“Nova moda? Onde?”

“Esquece.” Encostando todo meu peso na parede, olhei para a lâmpada meia-funcional. O brilho fraco chamou meu olhar. “Enfim, boa noite.”

“Então, você... na verdade, te conhecendo, provavelmente não precisava de nada, né?”

“Não. Só queria ouvir sua voz.”

Shimamura deu uma risadinha. “Você sabe que agora vamos nos ver todo dia, né?”

As palavras dela me iluminaram como uma lanterna de papel à luz de vela, quentinhas como um dia de primavera refrescante. “Verdade... acho que não vamos mais ligar tanto uma pra outra.”

“Acho que não... a não ser que você queira! A gente pode até ir pra quartos diferentes ou algo assim.”

“Talvez a gente possa fazer um telefone de latinha.”

Para ser sincera, eu nunca tinha usado um desses, muito menos feito um; só sabia que existiam. Como seria o som? Queria ouvir cada versão da voz da Shimamura, completar minha coleção e invocá-las da memória sempre que quisesse. Aí, quando começasse a querer a voz real, podia sempre buscá-la na minha mente.

“Hee hee hee... hee hee hee...”

Do outro lado da linha, dava para ouvir ela rindo baixinho sozinha. Talvez ela também estivesse se sentindo animada, dadas as circunstâncias. Claro que nos víamos pelo menos uma vez por dia desde que nos conhecemos, mas a partir de amanhã, vamos compartilhar toda a nossa vida. Teremos novas descobertas a fazer. O passar do tempo nem sempre é algo ruim.

“A partir de amanhã, é só você e eu, Ada-cheechee...”

“...Isso é ruim?”

“Se fosse, eu não teria visitado tantos apartamentos com você. É só que...”

“Só o quê?”

“Quando penso em quanto vamos ter que desempacotar, dá até um... *hrrrkkk!*”

“Hrrrkkk?” repeti, tentando entender, mas falhando. Pelo menos, eu sentia que ela não estava animada com essa parte. “Bem, se a gente fizer isso junto, deve ser divertido, provavelmente...”

Minha voz foi se apagando quando percebi que não podia garantir nada. Esse “sonho realizado” já vinha embalado com todas as realidades mundanas de uma casa nova — caixas para desempacotar e móveis para mover. Na verdade, pouco restava de sonho. A cantina estava vazia, e eu estava sedenta por algo que não existia.

“Estou tão animada que acho que não vou conseguir dormir hoje à noite,” murmurei.

Era o meu normal, honestamente. Às vezes eu ficava acordada a noite toda por medo, nervosismo, ou simplesmente insônia. Não era saudável, mas, de algum jeito, eu continuava. Talvez fosse a Shimamura que me mantinha carregada e funcionando. Parecia uma teoria plausível. Dizer o nome dela reabastecia um órgão desconhecido dentro do meu corpo.

“A residência Shimamura e Adachi...”

“*Pfff ha ha ha!*”

“P-por que você tá rindo?”

“Desculpa! Ia concordar com você, mas foi tão engraçado...”

Como assim? O que havia de engraçado? A Shimamura ainda era um enigma para mim.

“O jeito que você disse meu nome primeiro em vez do seu é, tipo, bem a cara da Adachi,” ela explicou.

Sério? A maioria das pessoas dizia o próprio nome primeiro? Pelo que eu recordo, não.

“Bem, você é o motivo de eu estar me mudando,” falei para ela. Por isso disse o nome dela primeiro. Para mim, tudo começava com a Shimamura — até a minha própria identidade. Havia contradição nisso? Sim. Mas, por enquanto, isso me fazia feliz.

“Eu também. Sem você, acho que eu nunca teria saído da casa dos meus pais.”

“...Certo.”

Ao contrário de mim, ela estava confortável morando com os pais, mas mesmo assim escolheu vir morar comigo. Palavras nunca poderiam expressar totalmente minha gratidão. Mas claro, toda vez que eu tentava, ela dizia que eu não precisava agradecer. Ela sorria suavemente e dizia que tomou essa decisão por vontade própria.

“Então, você falou com a sua família?” perguntei.

“O quê, hoje?”

“Sim.”

“Minha família não é muito melosa... Bem, talvez um pouco. Mas tem uma certa pessoa que não sabe interpretar a situação de jeito nenhum, o que ajuda a equilibrar as coisas. Na verdade, talvez essa seja a forma dela de interpretar a situação...? Hmmm. Difícil dizer.”

Não fazia ideia do que aquilo significava. Pelo menos eles conversaram sobre isso.

“O fato de você ter perguntado me faz pensar que provavelmente você não falou com a sua, né?”

“Não... nem um pouco.”

“Nem um pouco?”

“Nem um pouco.” Zero. Quase como se eu tivesse deixado de fazer parte da família. Não mudou muito na minha rotina diária e... bem... agora era noite. “Acho que é meio estranho, né?”

“Siim,” ela concordou sonolenta, sem tentar me confortar. “Mas você é esquisita, então tudo bem.”

“O quê?”

“Hum! Ok, brincadeiras à parte...”

Pessoalmente, eu não tinha certeza se aquele comentário era algo que eu deveria deixar passar, mas o tom dela soava sério, então não insisti no assunto. Eu estava me sentindo bem orgulhosa da minha nova habilidade de manter a calma enquanto conversava com ela.

“É estranho, mas ao mesmo tempo não é, se é que faz sentido.”

“Ah... não faz.”

“O que eu quero dizer é que, relações de mãe e filha exigem tanto esforço quanto todas as outras. Se você quer entender alguém, precisa se abrir, se esforçar e abrir o coração. Pelo menos, é assim que eu vejo ultimamente, especialmente quando penso no passado. Então é totalmente compreensível que você não tenha uma relação com sua mãe.”

“Certo.” Era mais ou menos assim que eu me sentia, o que me tranquilizou.

“Mas não é necessariamente algo ruim não ter essa base, sabe? Quero dizer, você e eu já fomos estranhas — só duas meninas na mesma escola. Não éramos vizinhas nem amantes em uma vida passada. Pelo menos, acho que não fomos? Ai, vidas passadas. Meio brega, eu sei. Mas o ponto é que nunca teríamos nos conhecido se achássemos que precisávamos de um motivo primeiro.”

“É... talvez.”

Nós duas nos encontramos por puro acaso. Nenhuma de nós foi obrigada a ir até o segundo andar da academia. Mas ambas fizemos a escolha de nos esforçar, e aqui estamos. Na verdade, eu estava tão focada na Shimamura, que não sobrava esforço para mais ninguém na minha vida. Acontece que eu era uma pessoa surpreendentemente simples.

“Enquanto eu tiver você... não preciso de mais nada.” Meu mundo estava completo só com a Shimamura. Enquanto meu coração a quisesse, eu não tinha mais nada a perder.

“Se isso é suficiente pra você, Adachi, então é suficiente pra mim.”

“Ok.”

A voz dela era suave como uma canção de ninar. Eu podia sentir meu corpo relaxar, me encolher, abraçando os joelhos contra o peito. Então ouvi seu bocejo. “Como é que ainda tô com sono depois de tudo isso...?”

“Quer encerrar a ligação?” ofereci.

“Uau. Quem é você e o que você fez com a Adachi?”

“Bem, se continuarmos conversando agora, vamos acabar esgotando nossas expectativas pra amanhã.”

“Não vamos, sua boba!”

Era raro ouvi-la me dispensar assim, direto ao ponto, e isso fez meu coração disparar. Ela estava certa — daqui para frente, teríamos muito tempo para passar juntas. Encostei na parede e imaginei que ela estava do outro lado. “Vamos conversar de novo amanhã.”

“Tenho certeza que sim.”

Com essa promessa, meu futuro se tornou suave e acolhedor, igual à Shimamura.

***

No meu último café da manhã na casa que já não era mais meu lar, eu não estava sozinha. Minha mãe começou a preparar o café cedo naquela manhã e depois se sentou à minha frente à mesa. Depois de um “bom dia” automático, nenhuma das duas tentou puxar conversa.

Ela parecia levemente confusa e estendeu a mão. “Coma,” disse, com o queixo apoiado no cotovelo.

“Ok.”

Peguei uma fatia de pão, e, quando ela confirmou que eu havia dado uma mordida, começou a comer sua refeição idêntica à minha, mastigando a salada sem alegria. Não comentou nada sobre o sabor da comida. Se eu tivesse que adivinhar, aquilo era um espelho do meu próprio rosto enquanto comia.

A refeição se arrastava, provavelmente porque nós duas estávamos com dificuldade para engolir. As engrenagens que antes funcionavam com facilidade agora estavam enferrujadas pelo tempo, difíceis de consertar, e por isso, deixadas para apodrecer. Não havia tempo para consertar o presente: assim que o café acabou, eu sairia daquela casa para sempre. Eu não estava triste, mas sentia um tipo de vazio, como se uma parte de mim estivesse faltando.

O ambiente estava estranhamente iluminado, como se todo o sol do mundo estivesse entrando pela janela. Usei isso como desculpa para desviar o olhar. E, de alguma forma, sem olhar para ela, senti que minha mãe também não estava me olhando.

Ela terminou a refeição em silêncio, se levantou da cadeira e foi para a pia lavar os pratos sujos. Tinha algum sentido comermos juntas se não íamos conversar? Talvez fosse só coincidência termos acabado sentadas à mesa ao mesmo tempo...

Não, não podia ser. O que ela estaria pensando ao sentar comigo? Eu não conseguia decifrá-la. Mas claro, não conseguia mesmo, já que quase não tínhamos trocado palavras a vida toda. Aí percebi: era isso que eu deveria ter dito a ela. Eu deveria ter tentado conversar até a gente se entender.

E se começássemos agora?

Olhei para cima e vi minha mãe parada na pia, de costas para mim. Ela não estava tão longe — se estendesse a mão, poderia tocá-la. Mas, como uma criança numa loja de antiguidades, eu tinha medo de estragar algo só de mexer.

Corpo e mente se recusavam a dar aquele passo, como se uma mão estivesse agarrada à minha garganta.

Era a última chance que eu teria, então olhei ao redor, procurando um ponto de apoio. Eu estava ficando sem torrada para comer. Então, depois de engolir, caiu a ficha: aquilo era mesmo um adeus final. Não só para uma ou outra coisa, mas para tudo naquela sala.

E alguém como eu, que sempre achou aquilo normal, nunca teria outro sentimento.

Quando finalmente falei, não foi o início de uma conversa, apenas uma formalidade. “Obrigada pela comida.” Foi dito num só suspiro.

Da mesma forma, a resposta da minha mãe foi seca. “De nada.”

E com isso, nosso laço se rompeu. Eu não tinha mais motivo ou desculpa para ficar naquela casa. Então escovei os dentes, lavei o rosto, me maquiei — uma tarefa de cada vez, como sempre fazia — e então me dirigi à porta. Não havia mais nenhuma parada a fazer.

“Eu vol…”

Olhei por cima do ombro e comecei a falar, mas as palavras ficaram presas no ar, na ponta da minha língua. A vida toda eu me certifiquei de dizer aquilo, mesmo que ninguém estivesse em casa para ouvir — eu estava me despedindo da casa, na verdade. Mas “eu volto mais tarde” agora era mentira. O que mais eu poderia dizer?

A única coisa que veio à mente foi uma palavra.

Adeus.

Silenciosamente, caminhei até a porta e calcei o outro sapato, desviando o olhar enquanto tentava lembrar onde os comprei. Minhas pernas eram tão fortes. Estavam prestes a me levar ao meu final feliz. Uma vez, Shimamura as massageou de brincadeira, mas eu estava tão sobrecarregada na hora que essa memória ficou completamente em branco.

Sorrindo dessa besteira, meu humor começou a melhorar, e meu corpo ficou mais leve. Era hora de ir ver a Shimamura. E a partir daqui, seguiríamos um novo caminho juntas.

"Sakura."

Quando foi a última vez que minha mãe me chamou pelo nome? Me virei, com os dedos formigando, e a encontrei com a mão na cintura, me olhando. Ela não estava maquiada, e a cabeça estava baixa. As sombras escuras a faziam parecer muito mais velha do que eu lembrava. Num instante, minhas lembranças de olhar para cima para ela foram substituídas pelo presente.

Ela coçou a testa, os olhos semicerrados, e forçou a falar.

"Sakura..."

Em resposta, só pude acenar com a cabeça e esperar.

"Sim?"

No passado, eu nem teria respondido, então talvez isso fosse prova de que eu amadureci um pouco. Senti algo frio e úmido no pescoço, como orvalho da manhã, embora isso não fizesse sentido.

Minha mãe fechou os olhos e soltou um longo suspiro, como se tentasse controlar as emoções. Depois, olhou para mim com sua expressão habitual e firme.

"Até mais."

Ela devia ter escolhido essas palavras depois de muito pensar. Afinal, “volte logo para casa” agora era direito da Shimamura dizer, não dela.

"Tá."

Terminei de calçar os sapatos. Então, me concentrando nos calcanhares e exercendo pressão a cada passo, saí de casa sem olhar para trás. O som das minhas passadas, *tap*, *tap*, *tap*, me perseguia, roçando nas pontas do meu cabelo por trás. Ainda não sentia o calor da primavera contra minha pele.

Com isso, eu estava deixando muita coisa para trás.

Do mesmo jeito que sempre ia de bicicleta para o trabalho com o cérebro desligado, eu podia caminhar longas distâncias sem sentir nada. Eu estava vazia; isso era óbvio pela completa falta de sentimentalismo que eu nunca encontrava em casa ou em qualquer outro lugar desta cidade. Não sentia arrependimento nem saudade.

Essa percepção me fez querer chorar.

Eu não a odiava, mas até hoje, neste exato momento, ainda não sabia se a amava. Se tivesse que descrevê-la, diria que ela era apenas minha mãe, e conhecendo-a, ela diria o mesmo. Então por que eu... por que eu...?

Minha voz e meu coração pararam aí, ásperos como uma corda desgastada. Levaria muito tempo para retomá-los. Enquanto isso, minhas pernas continuavam andando, e a distância entre mim e meu antigo lar aumentava. Eu não tinha motivo para ficar, então meus pés não tinham razão para hesitar. E depois de caminhar o que pareceu uma eternidade, voltei à cidade como quem atravessa um limiar.

Uma faísca se acendeu, e eu senti um suspiro de alívio. A gravidade descansava sobre meus ombros enquanto cheiros estranhos chegavam ao meu nariz. Então, um toque de primavera roçou minha bochecha, e as lágrimas que quase surgiam recuaram mais uma vez.

Depois de toda aquela caminhada, finalmente consegui encontrar as palavras certas. Tecnicamente, ainda não era tarde, já que eu nunca conseguiria dizer isso para ela pessoalmente de qualquer jeito.

Eu sei que nós realmente estragamos tudo, mãe, mas vou viver minha vida do jeito que eu quiser. Então não vou te procurar, nem me encontrar com você, nem pedir sua ajuda. E assim, vou provar para você, não com palavras, mas com ações, que eu estou bem do jeito que sou.